

A universalidade da opção pelas vítimas da história

O fato de que pobres e vítimas trazem salvação não é somente um a priori da fé, mas também uma dimensão real da história.⁵⁹²

A humanidade nunca esteve tão fragmentada como hoje. A globalização,⁵⁹³ em sua realidade concreta, traz novos males no mundo.⁵⁹⁴ Esta será uma missão das vítimas. São elas que possuem os dois pés no chão da realidade. O todo ou global precisaria abalizar a família humana em seu conjunto, representada na visão de Jesus do banquete do Reino que Deus preparou para os pobres,⁵⁹⁵ as vítimas deste mundo, e do qual nenhuma pessoa de boa vontade está excluída.⁵⁹⁶

Colocar no centro do globo o sofrimento das vítimas leva à verdade e à universalização.⁵⁹⁷ Na globalização, falta justiça,⁵⁹⁸ porque nela, há um processo de exclusão, onde os pobres tornaram-se supérfluos. Sobrino e Wilfred dizem que o próprio Jesus mostrou isso, a saber, “que o Reino de Deus é uma realidade prometida aos pobres” (Lc 6,20). Portanto, a utopia da família humana como um

⁵⁹² SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 128.

⁵⁹³ De acordo com Sobrino, “a metáfora da globalização insinua elementos esperançosos: a *inclusão*, pois no mundo _ globo _ cabe todos, e um *centro* com *poder* para gerar bondade. Sugere perfeição renascentista, a *redondez* e até a *equidade*: a *equi-distância* entre todos os pontos da superfície do globo e seu centro”. Cf. Id. *Redenção da globalização: as vítimas*. In: *Concilium*/293, 2001/5, p. 114.

⁵⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 115.

⁵⁹⁵ Expondo a importância da fundura e urgência da opção pelos pobres, Sobrino ressalta que nos pobres irrompe o mistério da realidade e neles irrompe a realidade do próprio Deus. E acrescenta: “Deus quer sua salvação e libertação e faz a opção por eles”. Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 43.

⁵⁹⁶ As várias tradições religiosas convergem, embora em formas e símbolos diferentes, no projetar uma futura unidade da humanidade. A realização desta utopia, parte integrante da visão jesuana, nos exorta também a adotar meios apropriados. Cf. SOBRINO, Jon / WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema*. In: *Concilium*/293, 2001/5, p. 12.

⁵⁹⁷ Segundo Sobrino, isto tem a ver com a *exigência-convite* a responder humanamente diante das vítimas com misericórdia e justiça. Tal *exigência-convite* possui um dinamismo englobante e incluyente de tudo e de todos aqueles para os quais o humano se decide no mais profundo das entranhas na misericórdia. Cf. SOBRINO, Jon. *Redenção da globalização*, p. 119.

⁵⁹⁸ Cf. SOBRINO, Jon / WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema*, p. 11.

todo unido deveria colocar em seu centro os pobres,⁵⁹⁹ porque eles despertam e dizem que seu mundo é de luta pela sobrevivência.⁶⁰⁰

A novidade sempre será defender a vida dos povos, das vítimas da história. Portanto, a *defesa da vida dos pobres* continua sendo: “uma necessidade para a experiência do Deus cristão e uma ótima possibilidade para que essa experiência se desenvolva, em plenitude, se for mantida a fidelidade ao que a originou”.⁶⁰¹ Vale dizer, “a defesa da vida dos pobres é também mistagogia no mistério de Deus”.⁶⁰²

Sobrino e Wilfred dizem que se a família humana for olhada com uma visão de fé, chegar-se-á ao próprio cerne de duas importantes preocupações cristãs: a unidade da família humana ou o ideal de universalidade, e a realidade dos pobres.⁶⁰³ O Evangelho de Jesus Cristo continua o mesmo, o número de vítimas aumentou e, portanto, urge defender a vida das vítimas hoje, sob o impulso do Espírito de misericórdia, de verdade e profecia, de solidariedade e responsabilidade, de entrega e de esperança. Urge refazer à maneira histórica a misericórdia e o amor de Deus,⁶⁰⁴ a própria entrega de Deus até o final na cruz de Jesus.⁶⁰⁵

Neste sentido, este capítulo compor-se-á pelo anseio em perceber na Teologia de Jon Sobrino, a universalidade da opção pelas vítimas da história. A intenção é admitir o Princípio Misericórdia⁶⁰⁶ como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da missão. Bem como, demonstrar que a

⁵⁹⁹ Cf. SOBRINO, Jon / WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema*, p. 13.

⁶⁰⁰ Cf. *Ibid.*, p. 10.

⁶⁰¹ SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação. Estrutura e Conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 135.

⁶⁰² *Idem.*

⁶⁰³ Cf. SOBRINO, Jon. WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema*, p. 11.

⁶⁰⁴ “Para Jon Sobrino, conceber a teologia como *Intellectus Amoris*, inteligência da realização do amor histórico pelos pobres e do amor que nos torna afins à realidade de Deus, é a maior novidade teórica da teologia da libertação, tornando-a mais bíblica e mais relevante historicamente, e leva-a a ser mistagógica, oferecendo o amor como caminho primário que nos torna semelhantes a Deus”. BOMBONATTO, Vera I. *O compromisso de descer da cruz os pobres*, p. 42.

⁶⁰⁵ SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, pp. 135-136.

⁶⁰⁶ Para Sobrino, *Princípio Misericórdia*, expressa um amor específico que está na origem de um processo, mas que, além disso, permanece presente e ativo ao longo dele, dá-lhe uma determinada direção e configura os diversos elementos dentro do mesmo. Melhor dizendo é o princípio fundamental da atuação de Deus e de Jesus, e deve ser também o princípio que norteia a Igreja. Cf. *Id. O Princípio Misericórdia*, p. 32.

opção⁶⁰⁷ pela vida das vítimas na diversidade, sob o impulso do Espírito de Ética, de Mística e de Profecia, conduz no humilde caminhar contribuindo para que os povos tenham Vida.

As questões a seguir, orientarão o percurso deste capítulo: É possível perceber na Teologia de Jon Sobrino, a universalidade da opção pelas vítimas da história? Por que o Princípio Misericórdia é admissível como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da Missão? Qual é a proposta do Evangelho que Jon Sobrino apresenta para a superação da situação de pobreza e exclusão em El Salvador e no Mundo da globalização?

4.1.

A universalidade da opção pelas vítimas na Teologia de Jon Sobrino

É decisivo ver as vítimas com respeito, devoção e veneração, pois nos colocam diante do mistério último da realidade.⁶⁰⁸

De acordo com Sobrino, a contemplação do Mistério permite perceber que em Deus, tudo adquire um sentido último. Em Deus busca-se e encontra-se compreensão do porquê principalmente, sentido.⁶⁰⁹ A finalidade é demonstrar que na Teologia de Jon Sobrino, a universalidade da opção pelas vítimas da história é perceptível, porque elas “são sinais e sacramentos de uma realidade misteriosa, a de um Deus que participa de seus sofrimentos”.⁶¹⁰ Destarte ele afirma: “Deus não faz parte da solução, mas sim do problema”.⁶¹¹ Daí a importância de manter a fé, assumindo que “Ele é (também) o inativo, o silencioso”.⁶¹²

⁶⁰⁷ Segundo Sobrino, a *opção* se transforma em meio para dar passos rumo a uma verdadeira globalização humana e incluyente, que não seja, paradoxalmente, anti-humana e excluyente. Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, 43.

⁶⁰⁸ Id. *Onde está Deus?* p. 54.

⁶⁰⁹ Cf. *Ibid.*, p. 56.

⁶¹⁰ *Ibid.*, p. 54.

⁶¹¹ *Ibid.*, p. 56.

⁶¹² *Idem.*

No Antigo Testamento aparece a misteriosa figura do servo sofredor de Javé, “escolhido por Deus para resgatar o pecado do mundo e trazer salvação”,⁶¹³ porque já não é só pobre e pequeno, mas vítima.⁶¹⁴ Sobrino diz que à luz da tradição bíblica, as vítimas da globalização possuem um potencial e um dinamismo contrários aos da globalização que as convertem em princípio de redenção⁶¹⁵ e de salvação.⁶¹⁶

De acordo com Sobrino, as vítimas⁶¹⁷ contribuem à globalização em três pontos fundamentais: a verdade, a solidariedade e a civilização da pobreza.⁶¹⁸ Das vítimas de hoje - por sua própria realidade crucificada - provém uma luz que denuncia e desmascara a mentira da globalização⁶¹⁹ e, portanto, elas podem mover à conversão.⁶²⁰ Para ele, a globalização humana ocorrerá, quando se levar em conta as vítimas e seu princípio de redenção,⁶²¹ porque elas trazem salvação histórica.⁶²²

Jon Sobrino afirma que a reação humana mais imediata diante de uma tragédia é ajudar as vítimas sob o impulso da compaixão e da misericórdia. Ele diz que a realização do ser humano pleno se decide à luz da tradição cristã. É

⁶¹³ SOBRINO, Jon. *Redenção da globalização: as Vítimas*, p. 116.

⁶¹⁴ Cf. Idem.

⁶¹⁵ Segundo Sobrino, a *redenção* é necessária. Ela continua sendo *mysterium magnum*, mas às vezes, ocorre o milagre e o mistério aparece visivelmente como *mysterium salutis*. As vítimas inocentes salvam ao mover-nos à conversão, à honradez com a realidade, a ter esperança, a praticar a solidariedade... E às vezes, entre, entre horrores, de forma milagrosa, produzem frutos imediatos e tangíveis de salvação, como fermento que humaniza a massa. É o milagre de uma *redenção* oferecida e recebida. Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, pp. 106-107.

⁶¹⁶ Cf. Id. *Redenção da globalização*, pp. 117-118.

⁶¹⁷ Sobrino afirma que os pobres são historicamente *vítimas*, e também, enquanto tais configuram o processo de libertação, agora em forma de *redenção*. Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 105.

⁶¹⁸ Cf. Id. *Redenção da globalização*, p. 118. A *civilização da pobreza* é uma expressão muito utilizada pelo teólogo Ignacio Ellacuría. Sobrino diz que I. Ellacuría em seus últimos anos estava convencido de que é necessário *outro mundo* para não cair na inumanidade. Ou seja, era necessário *reverter a história*, subvertê-la e lançá-la noutra direção. E que falou de *civilização da pobreza* para contrapô-la à *civilização da riqueza*. Ele cita a própria definição de Ellacuría: *A civilização da pobreza* é “um estado universal de coisas em que estejam garantidos a satisfação das necessidades fundamentais, a liberdade das opções pessoais e um âmbito de criatividade pessoal e comunitária que permitam o aparecimento de novas formas de vida e cultura, novas relações com a natureza e com os demais seres humanos, consigo mesmo e com Deus”. Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, pp. 28-42.

⁶¹⁹ Cf. Id. *Redenção da globalização*, p. 118.

⁶²⁰ Cf. Ibid., p. 119.

⁶²¹ Cf. Ibid., p. 116.

⁶²² Cf. Ibid., p. 117.

preciso, pois, escutar a Palavra e, no caso de catástrofes, o clamor da realidade com vontade de verdade, honradez com o real.⁶²³

A Teologia de Jon Sobrino enfatiza a universalidade do martírio, da dignidade humana, da solidariedade e da esperança, confirmando que a honradez com o real (ética), a honradez com o Mistério (mística), e a honradez com o ser humano (profecia), são referências para tal percepção.

4.1.1.

A universalidade do martírio

Em um mundo como o nosso, impregnado de mentira e crueldade, os mártires dizem que a verdade e o amor, a firmeza e a fidelidade, o amor até o fim são possíveis.⁶²⁴

Novamente, a relevância do tema da misericórdia. Aqui, a misericórdia se universaliza. O martírio por causa da misericórdia é antes de tudo, uma realidade universal.⁶²⁵ Destarte, a reflexão sobre o martírio por causa da misericórdia é para imitar as pessoas em seu compromisso com a verdade, o amor, os direitos humanos e a justiça num mundo tão necessitado de valores supremos.⁶²⁶

De acordo com Sobrino, o mundo dos pobres e das vítimas é aquele que abre os olhos para a verdadeira realidade, aquele que vence a mentira e supera a ignorância, onde se pode captar melhor a revelação de Deus,⁶²⁷ a boa notícia que Jesus anuncia: o Reino de Deus. E esta boa notícia, é o próprio Jesus em seu

⁶²³ Segundo Sobrino, quando ocorrem catástrofes, aparece claramente a necessidade de compaixão e misericórdia, mas raramente insiste-se na exigência de escutar a palavra que brota da própria realidade. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 63.

⁶²⁴ Id. *A fé em Jesus Cristo*, p. 328.

⁶²⁵ Na América Latina isto ocorre, sobretudo entre cristãos; na Ásia e em outros Continentes, entre aqueles que pertencem a outras religiões _ às vezes entre os que não pertencem a nenhuma religião. Cf. OKURE, T. et al. *Repensar o martírio*, p. 8.

⁶²⁶ Cf. Idem.

⁶²⁷ Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 316.

destino salvífico de cruz e ressurreição. Boa notícia é o que Jesus traz e o que se proclama de Jesus como crucificado e ressuscitado.⁶²⁸

Segundo Sobrino, os pobres encontraram em Jesus alguém que os amava e os defendia; que procurava salvá-los simplesmente porque estavam em necessidade.⁶²⁹ Ele diz que nos povos sofredores, crucificados, há algo que atrai e convoca a ir ao encontro do outro, e aí reside a origem da solidariedade.⁶³⁰ “A pergunta continua a ressoar: ‘onde está Deus?’. Jesus também fez a mesma pergunta, e Paulo teve a audácia de responder: ‘na cruz’”.⁶³¹

4.1.2.

A universalidade da dignidade humana

Os pobres e as vítimas podem ser ricos em virtude, o que muitas vezes é verdade. A conclusão é que, se cremos em um Deus Pai, Mãe, de vida, não pode deixar de parecer sarcasmo a simples repetição de que somos ‘filhos e filhas de Deus’.⁶³²

A este respeito, Sobrino é contundente. Ele diz que a família humana, os filhos e filhas de Deus em relação uns com os outros, oferece um espetáculo macabro e cruel, o do rico epulão e do pobre Lázaro, cujo distanciamento e antagonismo vão crescendo:⁶³³ “A universalidade da dignidade humana é, historicamente, uma ilusão ou um engano. O que impera é a parcialidade, mas na direção oposta à da vontade de Deus: a universalidade é historicamente parcial para com as minorias poderosas”.⁶³⁴

Quer se chame a Deus de Abba, ‘Pai’, ‘Mãe’, ‘Tudo’, ou se substitua o seu nome de tradição bíblico-ocidental pelo de outras religiões, persiste a opacidade da

⁶²⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 318.

⁶²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 321.

⁶³⁰ Cf. *Id. Onde está Deus*, p. 37.

⁶³¹ *Ibid.*, p. 38.

⁶³² *Id. A fé em Jesus Cristo*, p. 287.

⁶³³ Cf. *Ibid.*, p. 286.

⁶³⁴ *Ibid.*, p. 287.

realidade e, sobretudo, a realidade das vítimas inocentes – e nenhum destes termos suaviza este problema.⁶³⁵

É preciso retornar ao divino de lutar pelos direitos humanos⁶³⁶. Sobrino insiste no fato de que o direito humano fundamental continua sendo o direito à vida ameaçada de povos inteiros que compõem a maior parte da humanidade, e que esse direito fundamental deve ser levado em consideração por aqueles que defendem legitimamente os outros direitos, para que nessa defesa apareça também a experiência do santo.⁶³⁷

4.1.3.

A universalidade da solidariedade

Sem solidariedade não haverá mística nem dinamismo que leve à formação de uma família humana. Ou seja, não há mística de misericórdia e justiça necessária para que a espécie possa sobreviver como família humana.⁶³⁸

De acordo com Sobrino, existe diferença entre ajudar e solidarizar-se. Ele diz que ajuda é dar do que se tem para aliviar o sofrimento alheio. Enquanto que solidariedade vai além. É importante ter consciência disso, para crescer em condição humana. Solidariedade implica deixar-se afetar pelo sofrimento de outros seres humanos, partilhar sua dor e tragédia.⁶³⁹ “Solidariedade é *ajudar-se mutuamente*, aqueles que dão e aqueles que recebem”.⁶⁴⁰

Desde a realidade⁶⁴¹ que lhe afeta, Sobrino partilha sua experiência:

⁶³⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 287.

⁶³⁶ Sobrino diz que além de ser uma exigência ética iniludível para todo ser humana, uma parte importante da missão da Igreja e da práxis dos cristãos, a expressão ‘o divino de lutar pelos direitos humanos’, é uma dimensão divina, teologal. Cf. Id. *Espiritualidade da libertação*, p. 124.

⁶³⁷ Em nota, ele explica: “Evidentemente, isto se aplica também analogamente aos grupos cuja vida está ameaçada mesmo em países de abundância ou de relativa abundância”. Cf. *Ibid.*, p. 129.

⁶³⁸ Id. *Onde está Deus?* p. 51.

⁶³⁹ *Ibid.*, p. 50.

⁶⁴⁰ *Idem.*

⁶⁴¹ A realidade de El Salvador, da América Latina. Enfim, a realidade do Terceiro Mundo.

E em meio a todas essas perguntas clamorosas e de respostas silenciosas, balbuciantes, na presença do terremoto⁶⁴², sentia algo a se impor em mim, mais na forma de sentimento do que de idéia: a *indignação* de que sempre é ‘o mesmo’ e sofrem ‘os mesmos’, o anseio de que algum dia não seja assim; e uma espécie de *veneração* diante da vida dos pobres, antes, durante e depois das catástrofes, diante do que tenho chamado de sua santidade primordial.⁶⁴³

De acordo com Sobrino, na fé cristã, as vítimas são mais do que vítimas. Elas são o povo crucificado, o servo sofredor de Javé, o Cristo crucificado de nosso tempo.⁶⁴⁴

Essas vítimas impõem absoluto respeito e silêncio reverencial, mas diante delas talvez possamos dizer também – com fé e balbuciando – que são presença de Deus no terremoto, um Deus certamente escondido, crucificado, e um Deus que – em um excesso de fé – chamamos de solidário.⁶⁴⁵

Sobrino diz que a dificuldade de encarar a realidade é universal. Pois pertence ao lado obscuro da condição humana e permeia pecaminosamente nosso mundo. Segundo ele, é preciso olhar e escutar a realidade, deixar que ela seja o que é sem manipulá-la.⁶⁴⁶ “A realidade ‘fala’ ao ser humano de muitas maneiras. Mas fala indefectivelmente, interpelando e exigindo conversão, profunda e integral, no nível do saber, do esperar, do fazer e do celebrar”.⁶⁴⁷

⁶⁴² “O terremoto é uma *catástrofe*, mas é também *portador* de verdade. É uma *radiografia* do país em suas diversas dimensões: física, econômica, social, política, cultural, religiosa. Uma realidade que retrata a pobreza e a vulnerabilidade da sociedade salvadorenha, produtos de injustiça e de uma condução do país que não faz de sua eliminação a principal tarefa, às vezes nem sequer algo importante. Tal realidade é ‘conhecida’ por aqueles que a sofrem e padecem, mas não é ‘reconhecida’ eficazmente pelos poderosos dentro e fora do país”. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*, p. 47.

⁶⁴³ Ibid., p. 40.

⁶⁴⁴ Ibid., p. 54.

⁶⁴⁵ Idem.

⁶⁴⁶ De acordo com Sobrino, nunca tivemos acesso a tanto conhecimento sobre a realidade de nosso mundo: pobreza e dilapidação, enfermidade e luxo, gastos em armas, corrupção governamental. Também nunca tivemos tantas possibilidades de acesso à bondade deste mundo, ao heroísmo pela sobrevivência de bilhões de pobres, à dedicação de muitos seres humanos ao serviço dos fracos, de seus direitos, às utopias e esperanças que se expressam em muitas pequenas comunidades populares, à nuvem de testemunhas e mártires da humanidade, à generosidade sem limites, ao perdão e aos passos de reconciliação dados pelas vítimas... Cf. Ibid., p. 64.

⁶⁴⁷ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*, p. 64.

4.1.4.

A universalidade da esperança

Deus ressuscitou Jesus e desde então há esperança para as vítimas.⁶⁴⁸

De acordo com Sobrino, o lugar da universalização da esperança é o mundo dos crucificados. E a partir desse lugar a ressurreição se torna símbolo de esperança na medida em que se participa, analogamente, na vida e morte das vítimas.⁶⁴⁹ Por isso, a esperança necessária na atualidade é a esperança contra a morte das vítimas.⁶⁵⁰ Ter uma esperança para as vítimas⁶⁵¹ é a primeira exigência da ressurreição de Jesus a nós, mas também o é participar dela. Eis o princípio hermenêutico insubstituível:⁶⁵² “Quem ama as vítimas, quem sente última compaixão para com elas, quem está disposto a entregar-se a elas e a correr o seu mesmo destino, este pode ver também na ressurreição de Jesus uma esperança para si”.⁶⁵³

A práxis necessária hoje é descer da cruz o povo crucificado:⁶⁵⁴ “Compreender hoje que Jesus foi ressuscitado por Deus exige a esperança que nós podemos ser ressuscitados, mas supõe também que nós temos de ser, de alguma forma, ressuscitadores”.⁶⁵⁵ Pois a práxis versa na pregação do fato da ressurreição

⁶⁴⁸ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 151.

⁶⁴⁹ “A cruz de Jesus, antes de ser a cruz, é uma cruz. E que antes e depois dela houve muitas outras”. _ Hoje são maioria aqueles que não simplesmente morrem, mas são entregues à morte ‘nas mãos dos pagãos’, homens e mulheres crucificados, assassinados, torturados, desaparecidos por causa da justiça. Outros muitos morrem a lenta crucifixão, produto da injustiça estrutural. Cf. Id. *A fé em Jesus Cristo*, p. 71.

⁶⁵⁰ Ibid., p. 73.

⁶⁵¹ “Aqui entendemos por vítimas tanto as grandes massas de pobres e oprimidos, as quais são mortas lentamente, como os que são assassinados por denunciar a injustiça e buscar ativamente a justiça”. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 151.

⁶⁵² Id. *A fé em Jesus Cristo*, pp. 73-74.

⁶⁵³ Ibid., p. 74.

⁶⁵⁴ Sobrino afirma que ao dizer ‘povos crucificados’, Ellacúria quer dar nome a imensas maiorias. “Daí a linguagem de ‘povo’, ‘povos’ etc., que está transida de morte e não de uma morte natural, mas de uma morte histórica, que toma a forma de *crucifixão*, assassinato, privação histórica ativa da vida, lenta ou rapidamente. Essa morte, *produto da injustiça*, é acompanhada pela *crudade*, pelo *desprezo* e, por outro lado, pelo *encobrimento*”. Ele acrescenta que o povo crucificado não “é”, e o mundo de abundância impede ou dificulta que “chegue a ser”. Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 21.

⁶⁵⁵ Cf. Id. *A fé em Jesus Cristo*, p. 77.

de Jesus e no serviço ao conteúdo do que se prega. “Trata-se de *anunciar a verdade de uma boa notícia*: fez-se justiça a uma vítima e trata-se de *fazer realidade* essa verdade”.⁶⁵⁶ Neste sentido, o Reino de Deus é apreendido em um conceito de esperança, mas é também um conceito prático, de modo que não pode ser apreendido só como esperado, mas tem que ser captado como o que se deve edificar.⁶⁵⁷

À luz da mistagogia, Sobrino afirma que esperança e práxis são imprescindíveis para captar a ressurreição de Jesus. Para isso, são indispensáveis um amor e uma práxis capazes de descer da cruz os crucificados.⁶⁵⁸ E adverte que, “para conhecer a ressurreição de Jesus deve-se aceitar que a realidade é mistério que se nos vai mostrando gratuitamente”.⁶⁵⁹ Aqui, o essencial é o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado e a fé no Deus de Jesus.⁶⁶⁰

Chega-se ao coração do Princípio Misericórdia, o qual configura o pensar teológico de Sobrino. É necessário captar essa intuição em seu significado e abrangência.

4.2.

O Princípio Misericórdia na opção pelas vítimas: eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da Missão.

Diante das vítimas, há que fazer muitas coisas e com muita seriedade. Mas, além disso, e dado como hoje está o mundo, há que desenvolver uma mística que nos configure

⁶⁵⁶ Sobrino diz que para determinar qual seria hoje essa práxis concreta, deve-se levar em conta a dimensão formal e material da ressurreição de Jesus. “*Formalmente*, a ressurreição é uma ação de Deus historicamente ‘impossível’, e daí a práxis adequada ser aquela que mostre algum grau de impossibilidade histórica. (...) *Materialmente* a missão expressa pelo conteúdo da esperança é que se faça justiça às vítimas deste mundo, como se fez justiça ao crucificado Jesus, e daí a práxis exigida é que se desça da cruz o povo crucificado”. Ele declara: “Por ser uma práxis em favor dos crucificados, o é também, automaticamente, contra seus verdugos. E por isso, é uma práxis conflitiva, consciente dos riscos e a eles aberta, em favor das vítimas e com disponibilidade para que a própria pessoa se torne uma vítima”. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 78.

⁶⁵⁷ Ibid. p. 75.

⁶⁵⁸ Cf. Ibid., p. 81.

⁶⁵⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 86.

⁶⁶⁰ Ao despertar de um sonho de inumanidade para uma realidade de humanidade, Sobrino diz que se deu conta de ter feito um grande aprendizado: “Aprendemos a ver Deus desde este mundo de vítimas e aprendemos a ver este mundo de vítimas a partir de Deus. Aprendemos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria e sentido da vida”. Cf. Id. *O Princípio Misericórdia*, p. 28.

pessoal e, no possível, ambientalmente, que é exigida e possibilitada, à vez, pela misericórdia.⁶⁶¹

Em Jon Sobrino, o Princípio Misericórdia⁶⁶² é admissível como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da Missão. Tal Princípio configura o seu pensar teológico em forma de compromisso de descer da cruz os povos crucificados. Trata-se do insondável mistério de Deus⁶⁶³ e do compromisso de descer da cruz os povos crucificados:⁶⁶⁴ uma abordagem da misericórdia diante do mundo das vítimas que clamam por uma ação misericordiosa, fundada na justiça e na solidariedade.

De acordo com Sobrino, é fundamental situar a misericórdia como aquilo que mais caracteriza o ser de Deus e de Jesus Cristo e, por consequência, o ser humano. Para evitar mal-entendidos, ele fala do Princípio Misericórdia e o expressa como um amor específico que está na origem de um processo, mas que, além disso, permanece presente e ativo ao longo dele, dá-lhe uma determinada direção e configura os diversos elementos dentro do mesmo. É, portanto, o princípio fundamental da atuação de Deus e de Jesus, e deve ser também da Igreja.⁶⁶⁵

O que interessa a Sobrino é realçar a estrutura do movimento libertador: Deus escuta os clamores de um povo sofredor e só por este motivo se decide a

⁶⁶¹ SOBRINO, Jon. *El Theos de la teo-logía ante el Foro Social Mundial*. In: Revista Latinoamericana de Teología/71. Mayo-Agosto, 2007, p. 219.

⁶⁶² Além de estar bem presente na obra *O Princípio Misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*, o tema da misericórdia já vinha sendo mencionado nas obras anteriores de Jon Sobrino. É o caso de *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, o lugar teológico da eclesiologia* (1981), *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia* (1982), *Jesus Cristo, o libertador I: a história de Jesus de Nazaré* (1991), *A espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos* (1992). Posteriormente, sua obra de maior vulto - *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas* (1999) - retoma o tema da misericórdia, dando-lhe contornos teológico-éticos. O tema continua latente também nas obras *Deus, onde está? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia* (2007) e *Fora dos pobres não há salvação* (2008). Sobrino insiste na necessidade de configurar nossas vidas e a vida da Igreja a partir do *Princípio Misericórdia*.

⁶⁶³ Na opinião de Sobrino, o mistério de que a salvação do ser humano implica um Deus com alteridade (diferente, onipotente e por isso distante) e um Deus com afinidade (parecido conosco, crucificado, próximo). Cf. Id. *Onde está Deus*, p. 196.

⁶⁶⁴ Cf. Id. *A fé em Jesus Cristo*, pp. 10-19.

⁶⁶⁵ Cf. Id. *O Princípio Misericórdia*, p. 32.

empreender a ação libertadora.⁶⁶⁶ A esta ação do amor assim estruturada, ele chama misericórdia e diz que ela é uma reação diante do sofrimento alheio interiorizado,⁶⁶⁷ que chegou até às entranhas e ao próprio coração.⁶⁶⁸ Aqui, a misericórdia se transforma em princípio configurador de toda a ação de Deus.⁶⁶⁹

Sobrino ressalta que a misericórdia primigênia de Deus é a que aparece historizada na prática de Jesus. É ela que configura sua vida e sua missão e provoca seu destino. Bem como, o que configura sua visão de Deus e do ser humano.⁶⁷⁰ Para Jesus, ser um ser humano é reagir com misericórdia.⁶⁷¹ Ela está na origem do divino e do humano. Deus se rege, e os humanos devem reger-se segundo esse princípio, e a esse princípio está sujeito todo o resto.⁶⁷²

De acordo com Sobrino, a Igreja só se tornará crível no mundo de hoje, se por razões éticas, houver respeito pelos direitos humanos e a liberdade.⁶⁷³ Portanto, ela deve ser regida pelo Princípio Misericórdia, ou seja, testemunhar uma fé no Deus dos feridos no caminho, no Deus das vítimas.⁶⁷⁴ Sua máxima credibilidade procederá da misericórdia consequente, pois entre os pobres deste mundo essa Igreja suscitará aceitação e agradecimento.⁶⁷⁵ Porque será sempre de novo, a Igreja da misericórdia, a Igreja dos pobres tanto na América Latina, como na totalidade do mundo.⁶⁷⁶ E neste sentido, ser uma Igreja que, ao deixar-se

⁶⁶⁶ Sobrino diz que na origem do processo salvífico está presente uma ação amorosa de Deus: “Vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, conheço seus sofrimentos, por isso desci para libertá-lo” (Ex 3,7s). Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 33.

⁶⁶⁷ Sobrino diz que o sofrimento alheio interiorizado é o princípio da reação misericórdia. Cf. Idem.

⁶⁶⁸ Cf. Idem.

⁶⁶⁹ Parafrazeando a Escritura, Sobrino diz que, se no princípio absoluto-divino “está a Palavra” (Jo 1,1) e através dela surgiu a criação (Gn 1,1), no princípio absoluto histórico-salvífico está a misericórdia, e esta se mantém constante no processo salvífico de Deus. Cf. *Ibid.*, pp. 33-34.

⁶⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 34.

⁶⁷¹ A misericórdia como re-ação, torna-se a ação fundamental do ser humano cabal. Sobrino diz que quando Jesus quer mostrar o que é um ser humano cabal, conta a parábola do bom samaritano. O ser humano cabal é aquele que interioriza em suas entranhas o sofrimento alheio de tal modo que se converte em princípio interno, primeiro e último, de sua atuação. Cf. Idem.

⁶⁷² Cf. *Ibid.*, p. 38.

⁶⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 39.

⁶⁷⁴ “Sua liturgia celebrará a vida dos sem-vida, a ressurreição de um crucificado. Sua teologia será *intellectus misericordiae* (justitiae, liberationis), e a TdL não é outra coisa. Sua doutrina e sua prática se empenhará teórica e praticamente, em oferecer e transitar caminhos eficazes de justiça. Seu ecumenismo surgirá e prosperará – e a história mostra que assim acontece – em torno dos feridos no caminho, dos povos crucificados, os quais, como o Crucificado, atraem tudo para si”. *Ibid.*, p. 44.

⁶⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 45.

⁶⁷⁶ Cf. Idem.

carregar pela realidade, faça uma opção pela vida das vítimas, valorizando a diversidade, a alteridade, a espiritualidade, a mística, o compromisso com a justiça e o direito dos povos.

4.2.1.

No Princípio Misericórdia, a opção pela vida das vítimas na diversidade sob o impulso do Espírito de Ética, de Mística e de Profecia.

Os pobres são elevados ao âmbito teológico, último. Deus ama e defende o pobre pelo mero fato de ser pobre.⁶⁷⁷

No Princípio Misericórdia⁶⁷⁸ se entrelaçam o antropológico,⁶⁷⁹ o cristológico⁶⁸⁰ e o teológico.⁶⁸¹ Ele carrega no seu interior o caráter ético. Trata-se do imperativo ético⁶⁸² de descer da cruz os povos crucificados. Nele transparece também um componente forte de espiritualidade.⁶⁸³ O Princípio Misericórdia articula de forma orgânica a revelação de Deus e as vítimas deste mundo

⁶⁷⁷ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 123.

⁶⁷⁸ Para um melhor aprofundamento neste tema, conferir PERIN, Ângelo Avelino. *A teologia de Jon Sobrino a partir do princípio misericórdia*. Belo Horizonte, FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). Dissertação de Mestrado, 2007.

⁶⁷⁹ A imagem do ser humano cabal é aquele que se deixa mover pela misericórdia, tipificada na figura do Samaritano.

⁶⁸⁰ A *misericórdia* é o que configura a totalidade da vida de Jesus, sua missão e seu destino na cruz.

⁶⁸¹ A *misericórdia* é o princípio configurador de todo o processo salvífico.

⁶⁸² É uma *ética da alteridade* da qual emerge a historização do ser humano nos níveis da vida, justiça e dignidade humana.

⁶⁸³ Sobrino mesmo diz que não há nada mais essencial ao ser humano que viver o exercício da misericórdia diante de povos crucificados, e nada mais humano e humanizante que a fé no Deus de Jesus. A misericórdia coloca com nitidez o ser humano diante do mistério do humano e do divino.

desumano.⁶⁸⁴ No itinerário do Princípio Misericórdia aparece claramente a intuição metodológica da teologia de Jon Sobrino.⁶⁸⁵

De acordo com Sobrino, existe uma relação essencial entre Deus e os pobres, as vítimas da história. Seja o unicamente aos pobres, seja que em Jesus remove-se o último, há nos pobres, algo que os coloca em relação última com Deus.⁶⁸⁶ “Na *prática* e na *realidade histórica*, principalmente com o que está acontecendo com a globalização, a democracia assim historiada está empobrecendo as classes médias, afundando e excluindo o pobre, privando-o de realidade”⁶⁸⁷.

Sobrino diz que é possível uma soteriologia centrada no ser humano sofredor, o que é favorecido pelos sinóticos. O pobre, a vítima, recupera então centralidade e ultimidade.⁶⁸⁸ Aqui, ele destaca a santidade primordial⁶⁸⁹ e o martírio primordial.⁶⁹⁰ Para ele, falar das vítimas, expressa no sofrimento,⁶⁹¹ porque é o mais real do real.⁶⁹² É o *mysterium iniquitatis*⁶⁹³ que se faz presente também, às vezes, no mundo das vítimas.⁶⁹⁴

⁶⁸⁴ Na concentração cristológica, transparece com maior nitidez o caminho fundamental do processo salvífico. É o mistério insondável de um Deus crucificado que nos faz descobrir que a impotência de Deus revela o máximo de solidariedade com as vítimas.

⁶⁸⁵ A teologia de Sobrino possui *um entorno vital*, isto é, produzida desde a realidade concreta. Aqui, são relidos os conteúdos da revelação. Neste contexto, escutar a palavra da realidade é uma exigência nascida do coração do próprio Deus, pois, na origem da história da revelação, Deus escuta a palavra que toma a forma de clamor dos seres humanos sofredores (Ex 3,7). O encontro da palavra e dos clamores, perpassado pela misericórdia, é a intuição fundamental da fé cristã.

⁶⁸⁶ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 123.

⁶⁸⁷ *Ibid.*, p. 124.

⁶⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 125.

⁶⁸⁹ “Falar em *santidade primordial (mysterium salutis)* é outra maneira de enfatizar a centralidade dos pobres e a incondicionalidade com que Deus os ama, o que chamamos de *princípio jesuânico*: Deus defende-os e ama-os simplesmente porque são pobres (em paralelismo com o princípio paulino: Deus justifica o pecador por pura graça). Desta forma, o pobre é elevado ao nível teológico, onde está a maior razão, e a mais exigente, para que seja levado a sério pela teologia e pela igreja”. Cf. *Idem*.

⁶⁹⁰ “Falar de *martírio primordial* é enfatizar a afinidade das vítimas com Cristo, pelo mero fato de serem vítimas”. Cf. *Idem*.

⁶⁹¹ Este sofrimento, diz Sobrino, é injusto e cruel, “nutre-se de gente inocente e indefesa e é produto do mundo do poder (econômico, militar, político, da mídia, às vezes também de igrejas e universidades)”. Cf. *Idem*. *Redenção da globalização*, p. 119.

⁶⁹² *Idem*.

⁶⁹³ “Reconhecemos o *mysterium iniquitatis*, presente no mundo dos pobres: carências que reforçam o egoísmo de todo ser humano, contaminação da imaginação com as ofertas que vêm do norte e maldade; abusos, violações, machismo grosseiro, enganos, mutilações, matanças... Às vezes, autênticas catástrofes humanas”. *Idem*. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 116.

⁶⁹⁴ *Idem*. *Redenção da globalização*, p. 120.

Portanto, pobres e vítimas, santidade e martírio primordiais são centrais para tratar de maneira cristã qualquer tema da teologia. São centrais pelo potencial salvífico e humanizador que possuem, segundo a fé cristã, o que também é confirmado pela experiência histórica.⁶⁹⁵ “Pobres e vítimas são escolhidos para trazer salvação”.⁶⁹⁶

Segundo Sobrino, pobres e vítimas, santidade primária e martírio primário desempenham um papel como princípio para historiar adequadamente a solidariedade entre os seres humanos, como solidariedade entre desiguais: levar-se mutuamente para chegar a formar uma única mesa compartilhada.⁶⁹⁷ Além disso, desempenha um papel como princípio para historiar adequadamente uma civilização que, para ser humana, deve ser uma civilização da pobreza.⁶⁹⁸

Segundo Sobrino, deve-se perguntar o que tem força para atrair, para convocar, para tirar de si mesmo porque se ouve um chamado sobre o qual não se pode dispor; o que tem capacidade de convocar individual e coletivamente, propiciando a atitude de responder entre si; o que consegue fazer com que aqueles que ajudam cheguem a estar em comum-união, comunhão com as vítimas e atingidos e sentir-se à vontade nesse estar em comunhão; o que pode convocar de tal maneira que, através de ajuda, se consiga formar uma família humana.⁶⁹⁹ Para ele, convocar é mais do que pedir ou exigir ajuda. Sentir-se convocado é ir além, da obrigação profissional, do sentimento ético de que é preciso fazer algo ou da superação do sentimento de culpa.⁷⁰⁰ O povo crucificado é capaz de convocar.

⁶⁹⁵ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 126.

⁶⁹⁶ Idem.

⁶⁹⁷ Cf. Ibid., p. 128.

⁶⁹⁸ Cf. Idem.

⁶⁹⁹ Ibid., p. 129.

⁷⁰⁰ Idem.

4.2.2.

O povo crucificado é capaz de convocar

Na santidade e no martírio primordiais nos povos pobres e crucificados, há algo que atrai irresistivelmente e que tem a capacidade de convocar.⁷⁰¹

Esta é a tese de Sobrino: “o povo crucificado pode convocar”:⁷⁰² Pelo que tem de sofrimento, o povo crucificado é capaz de mobilizar corações, que sem ele, permaneceriam alheios à realidade. Pelo que tem de verdade, é capaz de mobilizar a razão e a inteligência, provocar o surgimento da razão compassiva e do *intellectus amoris*, fazer ocorrer o milagre da honradez com a realidade real.⁷⁰³ Ele também fala de uma desigualdade fundamental. E diz que há grupos humanos, maiorias, para os quais a realidade é extremamente rigorosa. A eles cabe carregar o peso da realidade.⁷⁰⁴

Sobrino recorda os solidários. Estes, já não dão o que têm, mas o que são. Seu martírio é recebido com indignação e desamparo, mas também com agradecimento último pelo amor que expressam. Os solidários tornaram-se um com o povo crucificado e recebem um despertar para a verdade da realidade, de si próprios, de seus próprios países, culturas e religiões.⁷⁰⁵ No tocante à globalização, a solidariedade é, acima de tudo, sua crítica à desigualdade e injustiça que está gerando⁷⁰⁶ e deve desembocar na solidariedade entre os iguais que são pobres.⁷⁰⁷ Estes, os pobres,⁷⁰⁸ as vítimas humanizam quando desenvolvem

⁷⁰¹ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 130.

⁷⁰² *Ibid.*, p. 131.

⁷⁰³ Cf. *Idem.*

⁷⁰⁴ Dois passos são importantes: “O primeiro *passo da solidariedade* é que ‘os outros’ ajudem a carregar o peso da realidade dos povos crucificados, o que pressupõe que eles próprios, de alguma forma, carreguem esse peso. O segundo passo é *captar que – inesperadamente –, nesse carregar a realidade, a realidade os carrega*. O povo crucificado carrega com eles, oferece-lhes luz, força, ânimo. Então a relação que se estabelece é de dar e receber”. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 133.

⁷⁰⁵ Cf. *Ibid.*, p. 134.

⁷⁰⁶ Cf. *Ibid.*, p. 136.

⁷⁰⁷ Segundo Sobrino, a solidariedade entre os pobres deveria ter pressuposições antropológicas e religiosas diferentes. “A mútua relação e ajuda dos pobres, seu dar e receber, a partir de suas diversas realidades nos continentes do Terceiro Mundo, é o que tem melhores condições de modificar o planeta”. Cf. *Ibid.*, p. 138.

o potencial que provém do mundo da pobreza; quando adquirem consciência de sua situação e de suas causas, transformam essa consciência em práxis e a enchem de espírito: misericórdia, fortaleza, esperança...⁷⁰⁹ Daí a importância de fazer a opção pelos pobres, pelas vítimas para que a vida lhes seja restituída desde a realidade.

4.3.

A opção pelas vítimas para que os povos tenham Vida

Nos evangelhos, o povo é referente fundamental da vida de Jesus. Sem ele não se entende a vida cotidiana.⁷¹⁰

A proposta do Evangelho que Jon Sobrino apresenta para a superação da situação de pobreza e exclusão em El Salvador e no Mundo da globalização é a opção pelos pobres, pelas vítimas. Sobrino diz que historicamente, neles irrompeu a realidade; teologicamente, neles irrompeu Deus, irrompeu o mistério.⁷¹¹ A intenção é que os povos tenham Vida, e para isso, é importante situar e manter os pobres no âmbito do mistério de Deus – e Deus no âmbito dos pobres – pelo menos quando são contemplados na perspectiva da fé e da teologia.⁷¹² Ele diz que na Igreja existem realidades prévias à opção pelos pobres – certamente, Deus, Cristo e sua Palavra – e, é preciso manter como verdade central que a iniciativa provém do alto, do Deus que nos amou primeiro. Mas o mistério desse Deus e desse Cristo vai se mostrando em relação com os pobres deste mundo, de modo

⁷⁰⁸ Com maestria, Sobrino afirma: “Os pobres tem pecado, mas também estão cheios de graça e, muitas vezes, chegam a ter o maior amor. Desta forma, podem configurar uma civilização de honradez com o real, de misericórdia, do gozo das bem-aventuranças, que supera a atual civilização na qual abunda a trivialização da existência”. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 143.

⁷⁰⁹ *Ibid.*, p. 153.

⁷¹⁰ *Id. Fora dos pobres não há salvação*, p. 169.

⁷¹¹ *Cf. Ibid.*, p. 45.

⁷¹² *Cf. Idem.*

que aprofundar na figura histórica do mistério dos pobres é aprofundar também no mistério de Deus, e vice-versa.⁷¹³

Sobrino lembra que El Salvador também é um lugar privilegiado para falar de barbárie e terrorismo. E sobre isso ele esclarece: “Em El Salvador temos experiência direta, abrangente, prolongada e extremamente cruel de barbárie e de terrorismo, principalmente do lado governamental”.⁷¹⁴

E acrescenta: “A barbárie e o terrorismo questionam sobre o que é último para os seres humanos e nos interpelam a dar uma resposta”.⁷¹⁵ Esse último é o sofrimento das vítimas. E a reação última é a compaixão por elas, com - sofrer com elas, viver e dar sua vida para eliminar seu sofrimento.⁷¹⁶

Diante disso, Sobrino propõe que se questione pelo humano e se convença de que não se pode ser humano sem se remeter ao que é último na realidade: o sofrimento das vítimas.⁷¹⁷ Principalmente porque o sofrimento e a compaixão possibilitam que as pessoas sejam reais.⁷¹⁸ A compaixão é central para ser humano. O sofrimento da vítima é o que pode descentrar o ser humano e colocar no centro o amor,⁷¹⁹ pois “o que humaniza é a vontade de verdade”.⁷²⁰ Ele insiste em dizer que neste mundo, há pessoas, grupos, algumas instituições, que se deixam afetar pelo sofrimento e reagem com compaixão. Mas isto é difícil ocorrer entre os poderes que o configuram.⁷²¹

Para Sobrino, *Medellín*, a Igreja dos pobres e o Jesus das vítimas estão na entranha da tradição Cristã, e são a *tese* mais profunda da religião cristã em sua própria origem, pois se tornam seu corretivo fundamental ao longo da história.⁷²² De acordo com ele, Deus está em favor da vida dos mais privados de vida e se

⁷¹³ Sobrino diz que na *realidade existencial*, estamos dentro do círculo hermenêutico e que os pobres nos levam a Deus e seu Cristo. Mas, conhecidos esse Deus e esse Cristo, revelam que esse é seu lugar, *o dos pobres*, e que assim aparece na palavra revelada. Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 46.

⁷¹⁴ Id. *Onde está Deus?* p. 153.

⁷¹⁵ Ibid., p. 154.

⁷¹⁶ Cf. Id. *Onde está Deus?* p. 154.

⁷¹⁷ Cf. Ibid., p. 155.

⁷¹⁸ Cf. Ibid., p. 157.

⁷¹⁹ Cf. Idem.

⁷²⁰ Ibid., p. 158.

⁷²¹ Cf. Ibid., p. 156.

⁷²² Cf. Ibid., p. 179.

declara defensor de pobres e fracos. Deus é um *Deus-em-outros e para-outros*:⁷²³ “São milagres, mas aconteceram em nosso tempo: Vaticano II e Medellín, com comunidades populares de leigos e leigas, com religiosos, sacerdotes, bispos e intelectuais comprometidos, e, principalmente, com uma plêiade de mártires”.⁷²⁴

Sobrino profere que Medellín deu um passo mais definitivo do que o Vaticano II e afirma que o que está no centro não é simplesmente o ser humano, o cidadão, o batizado, mas o pobre.⁷²⁵ Ele vê um grande perigo na Igreja e na teologia que é o esquecimento de Medellín. Segundo ele, sem Medellín cai-se na irrealdade no atual mundo de pobres e vítimas.⁷²⁶ Dentre algumas proposições que ele apresenta, destaca-se a seguinte: “No terremoto, (nas catástrofes,) Deus está escondido e ‘sofre’ em silêncio com as vítimas. Mas a esperança não morre e nela, misteriosamente, Deus continua presente”.⁷²⁷

Sobrino lembra o quanto é claro na Bíblia que Deus ama e defende o pobre (Cf. Amós 8,6). A favor deles fez uma opção primigênia e fundamental (Cf. Sl 68,6) e confessa que a esperança dos pobres não perecerá (Cf. Sl 9,18). Portanto, Deus é um Deus dos pobres e n’Ele, eles encontram compaixão.⁷²⁸

Jesus anuncia a vinda do Reino de Deus para os pobres deste mundo: os encurvados pelo peso da vida, os desprezados e marginalizados, os que não têm palavra e não são levados em consideração. Jesus diz que deles é o Reino de Deus; por defendê-los de seus opressores, chegou a morrer numa cruz.⁷²⁹

Sobrino diz que na teodicéia,⁷³⁰ como em qualquer outra realidade humana, o que está no fundo é a pergunta pelo amor.⁷³¹ “Deus mostra seu amor ao ficar próximo das vítimas, ao estar solidário com elas, totalmente e até o final”.⁷³² E os pobres deste mundo querem que em Deus haja alteridade, diferença com respeito

⁷²³ Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 182.

⁷²⁴ *Ibid.*, pp. 184-185.

⁷²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 185.

⁷²⁶ Cf. *Idem.*

⁷²⁷ *Ibid.*, p. 187.

⁷²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 188.

⁷²⁹ *Ibid.*, p. 188.

⁷³⁰ Do grego *theos* = Deus, e *dike* = justiça ou justificação. É a parte da filosofia que estuda o que se pode conhecer de Deus por meio da razão, diferentemente da *teologia* que se baseia na *revelação*. A teodicéia é também chamada *teologia natural*. Cf. AQUILINO, Pedro. Dicionário de termos religiosos e afins. Aparecida, SP, Editora Santuário, 1993, 305.

⁷³¹ Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 193.

⁷³² *Ibid.*, p. 195.

a eles.⁷³³ “Em palavras simples, a decisão de *praticar* a justiça e a ternura, e *caminhar* na história com Deus humildemente, na escuridão e com protestos, mas sempre”.⁷³⁴

Sobrino declara que a partir da fé cristã, nas tragédias, Deus está na cruz gerando esperança.⁷³⁵ Na cruz, há um grande amor que produz esperança, que produz vida.⁷³⁶ “Queira Deus que floresça cada vez mais a santidade primordial dos pobres e que ela humanize a todos nós”.⁷³⁷ Vale dizer, os mártires redimem o mal, e este, depois de redimido, faz resplandecer o humano, o belo, o justo, o fraterno. Resplandecem de uns pelos outros. Resplandece a mesa compartilhada.⁷³⁸

De acordo com Sobrino, os pobres e as vítimas são presença de Deus, porque mantêm, em relação a nós, a alteridade específica da divindade, à qual, simultânea e paradoxalmente, tornam ‘presente’ no mundo.⁷³⁹

O fundamental foi dar-lhes um nome, e nome digno, por ver nessas vítimas o servo de Javé em nossos dias, um povo crucificado como Cristo. Nas mortes dessas maiorias apareceu, paralelamente com a ‘santidade primordial’, o ‘martírio primordial’.⁷⁴⁰

De acordo com Sobrino, mártir é quem vive como Jesus, promove o Reino de Deus como Boa Notícia para os pobres, entra em conflito e luta contra o antireino, contra os poderes opressores deste mundo e, por tudo isso, provoca-se sua morte como a de Jesus.⁷⁴¹ Para poder chamar de mártires os que morrem nos

⁷³³ “Os pobres dirigem-se a Deus para que os salve com seu poder e vêem nisso o amor eficaz. Mas também se dirigem a Deus quando o encontram próximo de seu próprio sofrimento e nisso veem um amor crível”. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 195.

⁷³⁴ Ibid., p. 193.

⁷³⁵ Cf. Ibid., p. 202.

⁷³⁶ Cf. Ibid., pp. 202-203.

⁷³⁷ Ibid., p. 204.

⁷³⁸ Cf. Idem.

⁷³⁹ Cf. Ibid., p. 114.

⁷⁴⁰ Para compreender a expressão *martírio primordial*, seu significado positivo e polêmico, Sobrino recorda acerca da mudança na compreensão teórica do martírio que ocorreu justamente na América Latina, a partir de Medellín. Aqui, o primeiro passo foi dado, ao compreender a razão do martírio – além da definição oficial canônica de mártir – *por causa da fé* bem como, *por causa da justiça*. E um segundo passo mais fundamental e programático que consiste em compreender o martírio *a partir de Jesus*. Cf. Ibid., p. 116.

⁷⁴¹ Cf. Idem.

massacres, ele diz que a razão mais decisiva consiste em sua semelhança com o servo de Javé em seu último estágio de servo sofredor (Isaías 52,13-53,12)⁷⁴².

Sobrino compara as mortes das vítimas com as dos mártires jesuânicos, inclusive com a morte de Jesus. Aquelas expressam a inocência histórica, pois nada fizeram (denúncia profética, por exemplo) para merecer a morte, além de ser pobres; e expressam mais sua condição indefesa, pois muitas vezes não tinham possibilidade física de evitar a morte, fugindo. As mortes dos *mártires jesuânicos* refletem a práxis de defesa dos pobres e o caráter ativo de luta contra o antirreino. Expressam a fidelidade de Jesus em meio à perseguição e à liberdade com que enfrenta sua morte. Ele diz que as vítimas massificadas e anônimas, participam eximamente na realidade de Jesus. E por isso, denomina-as de mártires, porque elas expressam que são as maiorias⁷⁴³ que carregam injustamente um pecado que as foi destruindo aos poucos em vida e que as aniquilou definitivamente em morte.⁷⁴⁴

4.3.1.

A opção pelas vítimas para recordar a centralidade do Reino de Deus

Para Sobrino, o novo está na perspectiva: recordar. Ele abaliza o que é preciso recordar hoje por fidelidade a Jesus: a originalidade indeduzível do Deus de Jesus, a centralidade do Reino de Deus e o status teológico dos pobres⁷⁴⁵. Sobrino diz que é preciso recordar que Deus se manifesta em Jesus, levando em conta todos os estratos do Novo Testamento, as teologias dos Padres e, em conceptualidade radical, as fórmulas dos concílios⁷⁴⁶.

O Reino de Deus, como a mensagem central de Jesus, foi teoricamente recuperado faz um século. Na vida real da Igreja, a mudança começou a operar,

⁷⁴² Os mártires refletem com assustadora exatidão o *servo passivo*, o servo sofredor do último canto de Isaías. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 117.

⁷⁴³ De acordo com Sobrino, as maiorias, oprimidas em vida e massacradas em morte, são as que melhor expressam o enorme sofrimento do mundo. São as que, sem pretendê-lo, sem desejá-lo e sem sabê-lo, 'completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo'. Elas são as vítimas mais nobres do *mysterium iniquitatis*. Cf. *Ibid.*, pp. 117-119.

⁷⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p. 117.

⁷⁴⁵ Cf. *Id. A Fé em Jesus Cristo*, pp. 489-494.

⁷⁴⁶ *Ibid.*, p. 492.

timidamente, por volta do Vaticano II e, abertamente, só em Medellín. Sobrino diz que ao longo da história da Igreja o Reino esteve ausente – e a isso se deve acrescentar a tendência atual ao retrocesso, teórico e prático. Não se faz centro da pregação atual aquilo que foi o centro da pregação de Jesus: o Reino de Deus.⁷⁴⁷

Para Sobrino, o mais grave do desaparecimento do Reino de Deus é que assim desaparece da identidade cristã, tanto na teoria como na prática, a centralidade dos pobres, implícita na centralidade do Reino.⁷⁴⁸ Ele cita J. Jeremias que declara o mais fundamental do Reino de Deus: “o Reino de Deus é unicamente para os pobres”.⁷⁴⁹ Segundo Sobrino, J. Jeremias sublinha o “unicamente”, compreendendo como pobres aqueles para quem o mínimo de vida é uma dura carga e que são marginalizados e desprezados.⁷⁵⁰

4.3.2.

A opção pelas vítimas para recordar uma questão ética, teológica e teologal.

Enquanto não forem vistos em sua relação primária com Deus, ‘os pobres’, ‘as vítimas’, ‘os povos crucificados’, ‘a libertação’, ‘o social’, ‘a questão social’, serão levados em conta na ética e na espiritualidade, mas não pertencerão à teologia e menos ainda no teologal. [...] Deve-se recordar, pois, os pobres, e em sua realidade teologal: ‘são os privilegiados de Deus’.⁷⁵¹

Profeticamente, Sobrino profere que é difícil recordar tudo aquilo que é importante para os pobres.⁷⁵² E a dificuldade não é só de tipo antropológico e social, mas também eclesial e teológico.⁷⁵³ Em sua opinião, a dificuldade principal para não aceitar a centralidade do Reino consiste em que o Reino não só remete a Jesus de Nazaré, mas inclui central e preferencialmente os pobres deste mundo. E com características específicas:

⁷⁴⁷ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 494.

⁷⁴⁸ Idem.

⁷⁴⁹ Cf. Idem.

⁷⁵⁰ Cf. Idem.

⁷⁵¹ Ibid., p. 495.

⁷⁵² Idem.

⁷⁵³ Idem.

Estes pobres são as maiorias (o que faz dos outros grupos a exceção), são produzidos histórica, estrutural e necessariamente (pelos sucessivos regimes mundiais), são dialeticamente pobres (porque há ricos e opressores), são marginalizados, desprezados, excluídos (porque não preenchem os requisitos do humano assim como o ditam as culturas dominantes). Questionam, como nenhuma outra coisa, a Igreja. Daí que os pobres tenham sido considerados de alguma forma, não, porém, na sua centralidade.⁷⁵⁴

Do ponto de vista teológico, Sobrino diz que o mais grave é que eles não chegam a ter o status teologal que lhes é próprio segundo o Evangelho de Jesus e o que conseqüentemente é afirmado pelo Magistério em Medellín e é refletido na TdL.⁷⁵⁵ De acordo com Sobrino, a opção pelos pobres é matizada, questionada, quando não morre a morte de mil qualificações.⁷⁵⁶ E enquanto não forem vistos em sua relação primária com Deus, os pobres, as vítimas, os povos crucificados, a libertação, o social, a questão social, serão levados em conta na ética e na espiritualidade, mas não pertencerão à teologia e menos ainda ao teologal.⁷⁵⁷

Segundo Sobrino, os pobres devem ser recordados em sua realidade teologal: eles são os privilegiados de Deus.⁷⁵⁸ Ele diz que a realidade teologal na qual está fundamentado o caminhar se compreende como: o futuro de Deus, uma fé a caminho e caminhar na história.⁷⁵⁹ E o caminhar do cristão deve ser entendido como o correlato humano do processo dentro do próprio Deus.⁷⁶⁰

Ele profere que a fé cristã em um Deus-a-caminho pode ser compreendida como o modo de caminhar na história respondendo e correspondendo a esse Deus.⁷⁶¹ É também, um caminhar no sentido de que nele se vão integrando os diversos momentos, aparentemente contrários, de responder e corresponder ao Deus-a-caminho.⁷⁶²

Embora a fé se formule como humilde caminhar de Miquéias (6,8), praticando a justiça e amando com ternura, ou como o seguimento que Jesus exige, anunciando e iniciando o Reino de Deus, em fidelidade até o fim ao seu próprio destino, Sobrino cita os seguintes elementos específicos:

⁷⁵⁴ Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 495.

⁷⁵⁵ Cf. Idem.

⁷⁵⁶ Cf. Idem.

⁷⁵⁷ Idem.

⁷⁵⁸ Idem.

⁷⁵⁹ Cf. *Ibid.*, pp. 496-498.

⁷⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 496.

⁷⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 497.

⁷⁶² Cf. Idem.

A encarnação na verdadeira realidade, isto é, no mundo das vítimas, contra a tendência a sair da história, grosseira ou sutilmente. A esperança de plenitude no futuro, apesar de e contra a onipresença das cruces da história. O caminhar prático, agir com justiça, construir o Reino contra obstáculos de perseguição e morte – e não só uma esperança puramente expectante. A denúncia do antirreino, e o assumir suas consequências, com o oneroso da realidade. O deixar-se levar pelo novo, o Espírito de Deus, que sopra onde lhe apraz. A humildade do caminhar, sem pretender sintetizar na história aquilo que só é sintetizável no fim, contra todo tipo de gnose e dogmatismos. Manter o caminhar contra todos os obstáculos, ideologias e cantos de sereia que fazem razoável o abandoná-lo.⁷⁶³

4.3.3.

A perspectiva das vítimas ‘com olhos fixos em Jesus’ (Hb 12,2)

A priori deve-se dizer que toda afirmação sobre Jesus Cristo, se é verdadeira, algo de importante terá a dizer sobre seu povo crucificado e, reciprocamente, algo iluminará este acerca daquela.⁷⁶⁴

A necessidade de adotar a perspectiva das vítimas vai além da fidelidade formal à TdL. Sobrino pensa que essa perspectiva é uma exigência para qualquer forma de pensar em um mundo que é de vítimas, e o é, certamente, se esse pensar é cristão.⁷⁶⁵ Segundo ele, a partir da perspectiva das vítimas se pode impostar de novo e dar melhor resposta ao tema – hoje atual por várias razões – do universalismo cristão.⁷⁶⁶ É muito importante revalorizar a realidade de Jesus de Nazaré, recordando-a e compreendendo-a formalmente como história e buscando sua presença atual.⁷⁶⁷ Sobrino afirma que as cruces da história são mediação da cruz de Jesus. Elas, por serem reais levam ao real.⁷⁶⁸

De acordo com Sobrino, o “de olhos fixos em Jesus” (Hb 12,2) é o chamado ao princípio realidade, a partir do qual se poderá desdobrar a total realidade de

⁷⁶³ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 498.

⁷⁶⁴ *Ibid.*, p. 335.

⁷⁶⁵ *Cf. Ibid.*, pp. 334-335.

⁷⁶⁶ *Cf. Ibid.*, p. 336.

⁷⁶⁷ *Cf. Ibid.*, p. 344.

⁷⁶⁸ *Cf. Idem.*

Jesus também conceptualmente. Em suma, se compreende e se tem acesso a Jesus como realidade, a partir de realidades.⁷⁶⁹

Sobrino apresenta quatro significados de pobreza para revelar a situação do mundo atual. Em primeiro lugar, pobreza quer dizer a realidade em que vive grandíssima parcela de seres humanos esmagados sob o peso da vida: sobreviver é a sua maior dificuldade e a morte lenta um destino mais próximo. Na situação de dificuldade grave para subsistir como espécie humana, se acham cerca de três bilhões de criaturas humanas.⁷⁷⁰ Em segundo lugar, pobreza é a desigualdade dentro da espécie, o que impede de que se use a linguagem metafórica, mas essencial na fé cristã, de família.⁷⁷¹ Em terceiro lugar, as raízes fundamentais desta pobreza são históricas: a injustiça estrutural.⁷⁷² E por fim, pobreza é a forma de violência mais duradoura e também a violência cometida com maior impunidade.⁷⁷³

Ao refletir sobre que papel desempenha a cruz - não só na ressurreição de Jesus - mas na fé posterior, Sobrino afirma que, para uma fé teológica que introduzirá Jesus no mistério de Deus, a integração da cruz nessa fé significa introduzi-la no próprio Deus.⁷⁷⁴ Para ele, é importante que o mistério de Deus seja pensado de maneira nova, ou seja, a partir da cruz.⁷⁷⁵ “A práxis, o seguimento é que exprime primigeniamente que Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, ‘faz uma diferença’, e nele ‘apostam’ seres humanos que ‘contagiam’ seu entusiasmo e se constituem como ‘povo’”.⁷⁷⁶

De acordo com Sobrino, a partir da ressurreição os cristãos aprofundam três coisas: a verdade, a exaltação e a esperança.⁷⁷⁷ Ele apresenta uma análise do dinamismo do ato de fé cristológico e diz que depois da ressurreição, os discípulos têm uma fé nova que passou pela prova da crise (a cruz) e se viu confrontada com

⁷⁶⁹ Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 344.

⁷⁷⁰ *Ibid.*, p. 13. Aqui, Sobrino cita o relatório da PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) de 1996 e 1997.

⁷⁷¹ *Idem.*

⁷⁷² *Ibid.*, p. 14.

⁷⁷³ *Ibid.*, p. 15.

⁷⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 164.

⁷⁷⁵ Cf. *Idem.*

⁷⁷⁶ *Ibid.*, p. 170.

⁷⁷⁷ *Ibid.*, pp. 174-175.

a confirmação da parte de Deus (a ressurreição).⁷⁷⁸ Jesus não só é reconhecido, mas conhecido em plenitude. Jesus pertence à realidade de Deus.⁷⁷⁹ Jesus está intimamente ligado à realidade e condição dos seres humanos, com o que se reafirmará que em verdade é um conosco e para nós, ou seja, sua realidade é expressa como realidade que é de Deus.⁷⁸⁰ Aqui se concretiza, portanto, a novidade radical do próprio Deus:

Deus, agora o Pai de Jesus, continua sendo o mistério último. Jesus, agora o Filho de Deus, é a expressão histórica do Pai. O espírito, agora o Espírito de Deus derramado na ressurreição, é o espírito de Jesus, a força de Deus interiorizada no crente e na comunidade para tornar real o seguimento de Jesus.⁷⁸¹

4.4. A modo de conclusão

Neste capítulo percebeu-se a universalidade da opção pelas vítimas da história na Teologia de Jon Sobrino. A intenção foi admitir o Princípio Misericórdia como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da missão. Bem como, demonstrar que a opção pela vida das vítimas na diversidade, sob o impulso do Espírito de Ética, de Mística e de Profecia, conduz no humilde caminhar contribuindo para que os povos tenham vida.

Após o desenvolvimento deste capítulo, percebe-se que na teologia de Jon Sobrino, é perceptível a universalidade da opção pelas vítimas da história; é admissível o Princípio Misericórdia como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da Missão; e que a opção pelos pobres, pelas vítimas é a proposta do Evangelho para a superação da situação de pobreza e exclusão em El Salvador e no Mundo da globalização. Nos pobres, nas vítimas deste mundo, irrompeu a realidade, irrompeu Deus, irrompeu o mistério.

Resta fazer a seguir, uma conclusão geral dos três capítulos trabalhados, apresentando as considerações gerais e destacando a dinâmica do caminhar com humildade na história para persistir na fidelidade ‘com olhos fixos em Jesus’ (Hb 12,2).

⁷⁷⁸ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 179.

⁷⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 180.

⁷⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 181.

⁷⁸¹ *Ibid.*, pp. 181-182.